

Deus o livre do costume
 De pular cerca ou porteira,
 De qualquer moça fogosa,
 De mulher alcoviteira.
 Peça a Jesus que o socorra
 Com recursos naturais,
 Peça o que se faz preciso,
 Mas não peça o que é demais.

SOVINICE

Era um caso singular
 O caso de João Monteiro,
 Capitalista aos quarenta,
 Só procurava dinheiro.
 Vivia sempre isolado.
 Segregação incomum,
 Não cultivava amizades
 Nem tinha parente algum.
 Emprestava, a juros altos,
 E usando rasteira e treta,
 Prendia com papelada
 Muita gente na gaveta.
 Se alguém lhe rogasse auxílio,
 Considerava, brigão:
 — “Para todo petitório
 A minha resposta é não.”

Senhoras vinham a ele
 Falando em beneficência,
 Necessitavam de apoio
 Para os irmãos em carência.
 João dizia com sarcasmo:
 — “Não desejo compromisso,
 Se alguém é doente e pobre,
 Eu nada tenho com isso...”
 Se um menino aparecesse,
 Pedindo a esmola de um pão,
 Gritava: — “Saia daqui!
 Menino sujo é ladrão...”
 A mendigo que surgisse
 Rogando-lhe algum café,
 Exclamava, zombeteiro:
 — “Passe bem, fique como é...”
 Se alguém lhe adiava os juros
 Na data prefixada,
 Ouvia-lhe os desafetos,
 Sofria-lhe a mão pesada.

Certa noite, João em sonho
 Viu a morte... Parecia
 Ver um anjo estranho e lindo
 A dizer que o buscaria...
 Ele pensou na fortuna
 Que retinha com cuidado,
 Sobressaltou-se, chorou
 E implorou, acabrunhado:
 — “Grande Morte, grande dama,
 Preciso ainda viver;
 Deixe-me... Venha mais tarde...
 Tenho muito que fazer...”
 Disse a Morte, brandamente:
 — “O seu pedido é perfeito,
 Mas o seu tempo é chegado
 E o que se fez está feito.
 Você me chama por grande,
 Como se eu fosse rainha,
 No entanto, entre as criaturas,
 Sou fraca e pequeninha...”

João acordou, assustado,
 Vestiu-se, pôs o boné;
 Ao calçar-se, um prego solto
 Feriu-lhe um dedo do pé.
 Logo, logo, o dedo inchado
 Impunha-lhe muita dor...
 Fez banhos, colou emplastos,
 Mancando foi ao doutor.
 Mas tudo acabou, em vão...
 Com várias radiografias,
 O tétano levou João
 Simplesmente em cinco dias...

LOUVORES ESQUECIDOS

Desejo fraternalmente,
 Sem argumentos compridos,
 Falar sem bronca ou censura
 Dos louvores esquecidos.
 Estamos sempre dispostos
 A mostrar nossos respeitos
 Aos donos de campeonatos
 E às almas de nobres feitos.
 Mas na existência terrestre
 Não vemos quaisquer ensinos
 Para aplaudir grandes gestos
 Que temos por pequeninos.
 Louvemos os companheiros
 Do trato de cada dia
 Que conversam em voz baixa,
 Evitando gritaria.